

A volta por cima de FH

Eleições Presidenciais

A cada dia ganha cores mais fortes um cenário que parecia impossível no turbulento início de 1999: o ressurgimento de Fernando Henrique como fator decisivo nas eleições presidenciais de 2002. O novo quadro é desenhado pelo mesmo personagem que quase destronou o presidente no começo do seu segundo mandato: a economia. No lugar das previsões apocalípticas de janeiro do ano passado, quando o país parecia desabar junto à crise cambial, as perspectivas agora são de franca recuperação da economia. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, já fala em taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) este ano superior à previsão oficial de 4%.

Poucos contavam com esta grande mudança do quadro econômico em pouco mais de um ano. Sobravam profetas do apocalipse prevendo desastre no câmbio. Faltou quem apostasse na melhoria da paridade do real diante do dólar. No embalo da crise cambial, no início de 1999, ganharam pontos os candidatos à presidência que alimentavam seu discurso político com a derrocada do Real, especialmente o ex-ministro Ciro Gomes e o governador de Minas, Itamar Franco. Agora a situação é bem diferente: os candidatos anti-FH perderam o impulso e os institutos de pesquisa começam a registrar tendência de melhoria da avaliação do presidente e seu governo pela opinião pública.

Se tudo deu errado para Fernando Henrique nos primeiros meses de 1999, ultimamente tudo parece dar certo para o presidente. Armínio Fraga vem se saindo melhor do que a encomenda no front cambial, o fantasma do recrudescimento da inflação desapareceu e o sistema produtivo dá sinais de recuperação. Até o terremoto provocado por Nicéa Pitta, em São Paulo, favoreceu o Palácio do Planalto, ao desestabilizar a direita malufista, anulando sua capacidade de afetar os planos políticos do presidente.

Em Minas, perde força a cruzada anti-FH desencadeada pelo governador Itamar Franco. Principal crítico do Planalto em 1999, Itamar Franco enfrenta seu inferno astral no ano 2000. Após ter arriado a bandeira da moratória, o governador mineiro anda às voltas, desde o mês passado, com seguidas acusações de malversação de verbas públicas envolvendo setores de sua administração.

A evolução do quadro econômico terá efeito direto na sucessão presidencial. A se confirmarem as previsões otimistas de retomada da economia, Fernando Henrique terá condições de assumir papel determinante no processo eleitoral. Depois do longo período de baixa, ele dá demonstrações de que pretende recuperar o tempo perdido, como na entrevista à revista Época, há duas semanas, em que fez reparos a cada um dos tucanos que figuram na lista de prováveis candidatos do partido em 2002 – os ministros José Serra e Paulo Renato e o governador do Ceará, Tasso Jereissati. As declarações de FH foram traduzidas, nos meios políticos, como um recado de que ele não abrirá mão da escolha do sucessor.

Os políticos que integram a frente governista acham que há razões para começar a sonhar um cenário colorido em 2002, com a economia crescendo em ritmo acelerado e os índices de desemprego caindo na mesma proporção. “No ano passado, os candidatos da oposição à presidência disputavam os espólios da rejeição a Fernando Henrique e bradavam aos quatro ventos as elevadas taxas de desemprego. Caso se consolide a recuperação da economia, a situação vai se reverter e vamos partir para o ataque nos palanques eleitorais, perguntando aos eleitores: vocês querem a volta da inflação?”, observa o deputado Roberto Brant (PFL-MG).

Se vencer o dragão do desemprego, avalia o deputado, Fernando Henrique teria condições de eleger qualquer candidato que indicar à sua sucessão. A única condição à qual FH não terá como fugir, mesmo que a economia o torne o eleitor número um do país, segundo Brant, é a formação de uma aliança partidária ampla, nos moldes da frente que criou em torno da sua própria candidatura em 1994 e 1998. “Sozinho, o PSDB não conseguirá eleger o presidente. O apelo eleitoral do partido é zero”, adverte ele.

As pesquisas sobre as eleições municipais deste ano corroboram a avaliação do deputado. Os tucanos correm o risco de sofrer acachapante derrota nos principais centros urbanos do país, apesar das melhoras da economia e da imagem de Fernando Henrique. O candidato do PSDB em São Paulo, Geraldo Alckmin, tem 2% nas pesquisas e o do Rio, Ronaldo Cezar Coelho, apenas 1%. Nas grandes capitais, o PSDB só concorrerá com chances de vitória em Belo Horizonte, com o ex-governador Eduardo Azeredo ou o ex-goleiro da Seleção Brasileira João Leite.